

MATERNIDADE (S) – ÂNGULOS DIFERENTES A PARTIR DE UM ARTEFATO CULTURAL

Eixo Temático EIXO 03 - ARTEFATOS CULTURAIS, MÍDIAS E EDUCAÇÃO: DISCUTINDO OS CORPOS, OS GÊNEROS E AS SEXUALIDADES EM DIVERSOS ESPAÇOS EDUCATIVOS / AXIS 03 - CULTURAL ARTIFACTS, MEDIA, AND EDUCATION: DISCUSSING BODIES, GENDERS, AND SEXUALITIES IN VARIOUS EDUCATIONAL SPACES (ONLINE)

Valeria Fagundes Rodrigues ¹
Maria Borges Antunes ²
Juliana Ribeiro de Vargas ³

RESUMO

A maternidade pode ser compreendida como uma categoria que, geralmente, reporta à uma “missão” destinada ao gênero feminino, com suas características tradicionais de uma sociedade patriarcal. A partir de teorizações como os Estudos Feministas, podemos compreender que a maternidade é atravessada pelos discursos biológico, religioso, médico, legal. A trabalho parte do contexto teórico dos Estudos Culturais, feministas, de gênero, ancorada no viés pós-crítico, utilizando conceitos de artefato cultural, gênero, maternidade. Está organizado da seguinte maneira: introdução, metodologia, referencial teórico, resultado e referências bibliográficas.

Palavras-chave: Maternidade, Artefato Cultural, Série MAID.

¹ Valeria Fagundes Rodrigues, Mestranda do Curso de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS valeria.rodrigues@iffarroupilha.edu.br;

² Maria Borges Antunes, Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, borges.mariaa@gmail.com;

³ Juliana Ribeiro de Vargas, Professora Orientadora: Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, julivargas10@gmail.com;

INTRODUÇÃO

A maternidade pode ser entendida como uma categoria atribuída às mulheres, marcada por características de uma sociedade patriarcal. Com base nos Estudos Feministas, reconhece-se que ela é atravessada por discursos biológicos, religiosos, médicos e legais. Tais perspectivas permitem refletir sobre como a maternidade pode ser exercida ou recusada, a partir de escolhas subjetivas de gênero.

Este trabalho analisa a série MAID como artefato cultural e suas possibilidades pedagógicas para pensar as maternidades. Considerando que a cultura é um local que traz a representação de grupos, o trabalho parte do contexto teórico dos Estudos Culturais, feministas, de gênero, ancorada no viés pós-crítico, utilizando conceitos de artefato cultural, gênero e maternidade.

Para atender esse propósito, foi realizada uma pesquisa qualitativa, através da análise cultural dos dez episódios que constituem a série MAID, veiculada pela Plataforma de Streaming Netflix. Pois, os Estudos Culturais tratam de raça, gênero, sexualidade como dimensões centrais para compreender as desigualdades sociais e os processos de subjetivação. Essas reflexões e análises problematizam representações, estereótipos e discursos hegemônicos produzidos nas mídias e nos espaços educativos formais e não formais.

Com isso, o intuito é investigar as narrativas sobre os marcadores sociais presentes em produções midiáticas contemporâneas, especialmente nas plataformas de streaming, em razão do seu alcance, facilidade de acesso e variedade de conteúdo.

O artefato cultural, a minissérie MAID, tem indicação da faixa etária de 16 anos, o objetivo desse trabalho é trazer um diálogo sobre a maternidade e as possibilidades de ser exercida por mais de um gênero e não somente pelas mulheres mães.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O viés pós-crítico se caracteriza por tensionar os discursos considerados naturais ou hegemônicos, assumindo um eixo central a desnaturalização dos saberes e a problematização das subjetividades. Essa perspectiva metodológica não se pauta por regras fixas ou por neutralidade científica, mas sim por um compromisso político e ético com a crítica aos modos como os sentidos são construídos e reproduzidos.

No interior dos Estudos Culturais, essa abordagem encontra ressonância ao compreender os artefatos culturais como espaços pedagógicos – ou seja, lugares onde se



ensina e se aprende, onde se produzem significados sobre o mundo, os sujeitos e as relações sociais. Como aponta Paraíso (2014), ao expandir a noção de currículo, reconhecemos que não apenas os conteúdos escolares, mas também os filmes, músicas, memes, programas de televisão ou redes sociais ensinam – e, portanto, podem e devem ser objetos de investigação.

Nessa ótica, Meyer e Paraíso (2014) propõem entender metodologia não como um conjunto rígido de técnicas, todavia como uma forma de perguntar, de formular problemas e de produzir informações coerentes com o referencial teórico adotado.

Ao adotar essa perspectiva, o trabalho propõe-se a identificar e questionar os mecanismos de poder que operam nos processos de significação cultural, comprometendo-se com a criação de outros modos de ver, dizer e intervir na realidade social e cultural.

No amparo do Estudos Culturais, Estudos de Gênero e dos Artefatos Culturais, a metodologia utilizada é a análise cultural, pois:

[...] empreender uma análise cultural comprometida com as conjunturas dadas pelas próprias práticas sociais de dado objeto de estudo passa por um tipo de reflexão que inclui as inter-relações de todas essas práticas, buscando suas regularidades, isto é, os padrões que nela se repetem e, também o que representa rupturas desses padrões (MORAES, 2016, p. 33)

Essa metodologia permite acessar temáticas emergentes que, muitas vezes, passam à margem dos discursos hegemônicos. Como citam Steffen; Henriques; Lisboa Filho (2020, p. 27): “A análise cultural-midiática busca o entendimento de modelos e padrões sociais que perpetuam as desigualdades e preconceitos” reforçando seu potencial crítico e desnaturalizador.

Ao problematizar naturalizações em torno das desigualdade de gênero, das relações familiares e do mundo do trabalho, essa abordagem nos permite compreender como essas estruturas operam e se sustentam. Como afirmam Batista e Silva (2022, p. 15), “sabe-se que os artefatos culturais, através de seus discursos, reproduzem e reafirmam comportamentos sociais”.

Ao questionar os discursos dominantes e tornar visíveis os processos que mantêm as desigualdades, essa metodologia nos permite visualizar além do que está posto. Dessa maneira, Silva (2016, p. 134), nos lembra que “a tarefa da análise cultural consiste em desconstruir, em expor esse processo de naturalização”. Em suma, os Estudos Culturais e a análise cultural se apresentam como instrumentos valiosos para uma leitura crítica dos



sujeitos e das práticas que estão presentes na minissérie MAID e que moldam e perpetuam padrões nos espaços sociais e culturais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os Estudos Culturais iniciados em 1964, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, propõem uma leitura crítica da cultura como espaço de disputas simbólicas e políticas. E, ao valorizarem as expressões populares e a cultura de massa, mostram como a cultura organiza significados e molda modos de ser. Para Silva (2016), ela é atravessada por relações de poder que definem o que pode ser vivido e reconhecido socialmente. Assim, os Estudos Culturais articulam teoria e metodologias que entendem os artefatos culturais como práticas que produzem identidades e sentidos na vida em sociedade.

Ademais, os artefatos culturais são produtos oriundos das manifestações e expressões culturais e sociais. Sob esse viés, Magalhães e Ribeiro (2013) conceituam revistas, programas de televisão, imagens, livros, filmes, entre outros como artefatos culturais, pois estes incorporam significados no meio em que são produzidos. Para as autoras, tais artefatos colaboram na construção de sentidos sobre identidade – como ser homem, mulher, negro ou homossexual -, uma vez que esses significados são construídos por discursos e práticas sociais atravessados por relações de poder.

As análises críticas baseadas nos Estudos Culturais e em posse dos artefatos culturais, buscam envolver-se politicamente nas invenções produzidas por estes últimos. Dessa forma, Silva (2016, p. 134) indica que “na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações”

Os artefatos culturais, por suas inúmeras manifestações culturais fora dos espaços não formais da educação, contribuem para a propagação da cultura da mídia, conseqüentemente a formação de sujeitos e as relações de poder.

Diante dos atravessamentos que a cultura, a sociedade e a política enfrentam com temáticas que impõem uma segregação e sobreposição entre os grupos dominantes em relação a gênero, raça e sexualidade para com os grupos minoritários. Portanto, os Estudos Culturais, os artefatos culturais e as pedagogias culturais nos oferecem elementos que nos ajudam a esclarecer e definir a significação de determinadas categorias.

As construções de gênero sofrem mutações ao longo do tempo, a definição não é fixa e permanente. Segundo Joan Scott (1995), por não possuir um conceito único, gênero



pode ser compreendido gramaticalmente como um grupo de aceitação de diferenças sociais e também a segregação e classificação de elementos que permitem a constituição de mais um grupo. O termo gênero faz-se a saber:

Quando falamos em gênero, estamos nos referindo basicamente às expectativas sociais/culturais/históricas em torno de homens e mulheres, ou seja, as masculinidades e as feminilidades são vivenciadas de diferentes formas, pois elas se constroem, expressam-se (e modificam –se com o passar do tempo) nas roupas, nos acessórios, na imposição dos modos de ser e de se comportar, nas oportunidades que são dadas (ou não) a um e a outro etc. (FELIPE, 2020, p. 94)

Sendo assim, problematizar todos os elementos que foram constituindo as diferenciações de gênero, pensamos que as mídias disponibilizam meios de compreendermos o lugar que homens e mulheres ocupam na sociedade, bem como recusarmos práticas que atravessam as subjetividades femininas e que mostram-se nocivas ao gênero feminino.

De acordo com Klein (2021), desde meados do século XVIII, interesses políticos e sociais, vem moldando novas formas de organização familiar, especialmente no que diz respeito ao cuidado e à educação dos filhos. A autora destaca que gênero, articulado a marcadores como pobreza, sexualidade, raça, geração e escolaridade, contribui para a constituição e significação dos chamados “corpos de risco” ou “vulneráveis”. Ainda segundo Klein, a maternidade envolve experiências como gestar, parir, amamentar, adotar e acolher, sendo atravessada por normas sociais e históricas que inscrevem nos corpos significados diversos. Assim, aprendemos socialmente a exercer moldes específicos de maternidade, como os de mães cuidadoras, abnegadas, severas ou amorosas, conforme as expectativas de cada época.

Logo, a partir dos estudos de gênero, podemos compreender que a maternidade, como um conceito, carrega elementos trazidos pela multiplicidade das construções culturais, que vão desde o cuidado, zelo, educação, estímulos para com as crianças, visto que todas essas ações e outras talvez possam ser desempenhadas não apenas pelo gênero feminino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos os episódios da minissérie MAID, percebeu-se que a maternidade, em quase sua totalidade, é exercida pelo gênero feminino. As mulheres mães, além da



maternidade, precisam cuidar dos afazeres domésticos, da educação dos filhos e da profissão. Muitas dessas desprovidas de rede de apoio e/ou do acesso às políticas públicas e por vezes em situações de fragilidade emocional.

Na série também é possível perceber uma resistência ao modelo tradicional de maternidade, algumas personagens exercem outras formas de cuidado, como o trabalho em casa de apoio, ou projetam o desejo de matinar em objetos, roupas infantis e brinquedos. Outras, ainda recusam a maternidade compulsória e optam por não serem mães, priorizando seus projetos pessoais e profissionais, gesto que pode ser entendido como resistência à expectativa social da maternidade abnegada,

Por outro lado, constatou-se neste artefato cultural que o gênero masculino exerceu a maternidade com os cuidados necessários, sendo assim, pertinente o que Klein nos indica em relação à maternidade, isto é, não é determinada pelas diferenças dos corpos, e sim pelas compreensões de um determinado tempo, marcados na cultura e na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, pode-se inferir que gênero e maternidade são categorias que caminham na mesma direção. De acordo com Klein, Dal'Igna e Schwengber (2021) as mulheres mães trabalhadoras absorvem várias funções, pois além do trabalho, ficam responsáveis pela criação e educação dos filhos.

Por outro lado, também identificamos que o gênero masculino, mostrado neste artefato cultural, exerceu perfeitamente a maternidade com atitudes de cuidado, zelo. Portanto fica claro que a maternidade pode e deve ser exercida por qualquer gênero, demonstrando que gênero não é uma construção biológica e sim, social e cultural.

A série MAID também expõe que a maternidade pode ser abnegada, mas foi percebido que nem sempre ela é exercida no modelo tradicional, certos sujeitos se reservam no direito que não exercer ou quando exercem não a fazem na totalidade. Fica claro que neste tipo de maternidade os interesses próprios, pessoais e/ou profissionais sejam a prioridade, porém não deixam de ser menos mães por essa escolha.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Raquel Karas; SILVA, Fabiane Ferreira da. As convenções de gênero presentes no artefato cultural a casa das sete mulheres. In: SILVA, Fabiane Ferreira da;



JESUS, Suzana Cavalheiro de (Orgs.). **Gênero, narrativas e territórios**: investigações desde a fronteira oeste e campanha gaúcha. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2022. p. 12-36

FELIPE, Jane. Violências de gênero no contexto brasileiro: diálogos possíveis no campo da educação. In: SILVA, Fabiane Ferreira da; BONETTI, Alinne de Lima (Orgs.). **Gênero, diferença e direitos humanos**: é preciso esperar em tempos hostis. 1. ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 89-101.

KLEIN, Carin. Maternidades em contextos educativos do PIM/RS. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/62011>. Acesso em: 17 jun.2024.

KLEIN, Carin; DAL'IGNA, Maria Cláudia; SCHWENGBER, Maria Simone. Mulheres mães trabalhadoras na pandemia de COVID-19: produção de sentidos em jornais e revistas online. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, v. 23, n. 55, p. 5-37, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/6587>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Artefatos culturais: algumas possibilidades para promoção de uma educação para sexualidade. **Revista Diversidade e Educação**, v. 1, n. 1, p. 45-46, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/viewFile/6232/4325>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 15-22.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo, RS, v. 4, n. 7, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490>. Acesso em: 1 nov. 2022.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 23-46.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

STEFFEN, Lauren Santos; HENRIQUES, Mariana Nogueira; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas



em comunicação. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 21-39, set./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3146>. Acesso em: 1 nov. 2022.